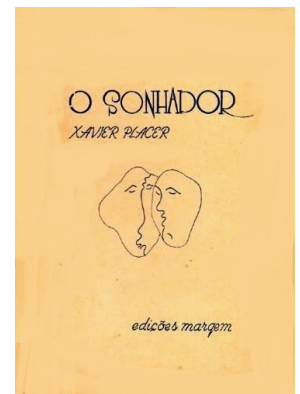


T Á B U A



Ora, eis que ele

Sonho I

Sonho II

Sonho III

Último Sonho

EDIÇÕES MARGEM - 1958

Escrito de 1946 a 1956, este livro - O SONHADOR - composto sob a direção de Nuno Vieira e de Mario Gonçalves, acabou-se de imprimir em janeiro de 1958, na oficina da Editora e Gráfica Guarany Ltda, na Av. Henrique Valadares, 145, no Rio de Janeiro, DF - Brasil.

And all lov'd, I lov'd alone.

PÕE, Alone

ORA, eis que ele um dia deixou um momento as veredas da solidão e veio referir na via pública um punhado de coisas.

Fatos espantosos referia para os homens da multidão, não para ele: aquilo era o pão cotidiano de sua alma.

Trazia as faces pálidas de um poeta de antigamente ou de um subalimentado, e o seu olhar fulgurava. Nem se podia de boa-fé convir respeitassem as suas vestes aquela conveniência da moda e da boa sociedade...

Mas era cálida a sua palavra, desacompanhada de gesto. A veemência estava no sentido, não na maneira, e qualquer espíquer lhe daria lições.

Na manhã, mesmo alguns que seguiam apressados para enterrar os seus mortos, contrair núpcias, descontar um cheque ou simplesmente comprar um par de sapatos, esses poucos sentiam lá dentro que não perderiam nada em parando três minutos cronometrados.

Paravam, e escutavam e logo compreendiam que não se tratava de um camelô: e espontaneamente comunicavam ao eventual companheiro da direita; "Se acaso é um louco, não é um louco qualquer".

O rapazola do triciclo não opinou, nem precisava; a gravidade pensativa de seu rosto opinava por ele; porém aquele velhote, que ouvia todo o tempo com a mão em concha na orelha, memoeu aprobativamente a cabeça.

É que aquele homem, surgido ninguém sabia de que sangue, de que partido, sem uniforme nenhum nem distintivo nenhum, avaramente desidentificável, dizia coisas espantosas.

Não era risonho o que ele testemunhava. Bem se podia perceber que aquelas verdades haviam sido conquistadas na carne, em dura, amarga experiência. Mas não havia nelas ódio nem ironia. Até havia amor, principalmente isto: muito amor.

Que coisas dizia afinal o homem, dignas de ouvidas, pelo menos para pequeno grupo de curiosos e alguns desocupados?

Contava que assistira ao fim dos tempos; que tivera uma entrevista com Satã numa terra inumana; relatava uma história na qual entravam lobos que não eram lobos; e por fim, já agora para escasso auditório (dos ouvintes a maioria, ou por que chegasse a noite ou por que os negócios deste mundo os chamavam, havia desertado...) explicava, numa legenda, os motivos do seu retiro, o sentido de sua augusta solidão.

S O N H O I

E meteu o anjo a sua foice aguda à terra, e vindimou a vinha da terra, e lançou a vindima no grande lagar da ira de Deus.

Apocalipse, XIV, 19.

Havia uma data milenar no pórtico do mosteiro, venerável e acolhedor. Curvei os joelhos sobre a terra, beijei-a, e meus lábios freMIam em palavras antes sentidas que articuladas:

"Ó Tu, a quem os simples chamam criador do céu e da terra; Tu, que para os sábios deste mundo não existes; e que para mim, que não sou nem simples nem sábio, és algumas vezes, sim o criador da terra e do céu; outras nada; outras o meu espanto diante das criaturas; a desesperança diante das perguntas; o mistério - ó dor - ; a minha contingência sedenta de eternidade, o véu da noite; a face amada - oh, por que tão bela? -; o rugido do mar; o silêncio; ó Tu, essa coisa que entrevejo e logo se esvai; verbo dentro de mim sem forma; sentimento dentro de mim sem forma; aspiração, anelo; Amor; Tu que te revelas por enigmas (se eles são Tu); Providência que busco na aflição e desdenho nas horas felizes; que esqueço, torno a querer e blasfemo; ó Tu (se és Tu), eis-me de coração aberto, aqui, como um menino se é preciso ser simples como um menino para Te encontrar - mas dá um sinal da Tua existência; desce da Tua magnitude; sai da Tua esquivança; fala claramente, que sou burríssimo, só entendo palavras óbvias; só vejo com olhos de carne; só escuto com ouvidos de carne; ó Tu - Deus - e seria tão simples."

Já entrava aquela casa, mas um monge de porte ascético, fisionomia de granito, atravessou-se em minha frente, autoritariamente me impediu o acesso, querendo saber que era eu. Com humildade, declinei meu nome.

Ele. – Então foste tu quem o matou! e os olhos do sombrio guardião eram ardentes, penetrantes.

Fitei-o sem entender.

Ele. – Imaginas-me um louco. Mas a mim, bem me importam a mim

os juízos dos homens!

E isto dizendo, deu uma gargalhada de criatura louca - loucura fria, consciente, satânica - sem desfrutar de mim o desvairado par de olhos.

Ele. - Vês? Tenho-te em minhas mãos; sou senhor do teu segredo. Mas não te aflijas. Não foste o primeiro nem serás o último. Não é a descendência de Abraão que é inumerável coma a areia do mar, mas a de Caim. Então, voltas ao local do crime?

Eu. - Irmão, falei, armado de serena coragem e erguendo para ele os braços - deixa-me entrar. Certo, há um equívoco. Eu quero apenas um lugar nesta casa, obscuro lugar nesta casa de santas criaturas, onde repouse o aflito coração.

Ele. - Um lugar... nesta casa de santas criaturas... onde repouse o aflito coração. Oh. oh, oh, nada me obriga a que te faça tal acolhimento!

Eu. - A caridade te obriga. A caridade! Deixa-me entrar.

Ele. - A caridade! Eis, este vermezinho a me dar lições de caridade. A mim, a mim!

Eu. - Irmão, deixai-me entrar, eu te suplico. Deus, o amor infinito, será testemunha do teu gesto fraterno.

Ele. - Deus, Mas se Deus é morto!

Deus é morto". Compreendia agora. Estava ali, naquela confissão, a tragédia do homem. Claramente era um daqueles de quem estava escrito no Livro *que não lhes seria dado perseverar até o fim*. Levantei para a criatura os olhos; o espetáculo daquela face obrigou-me a baixá-los. Infinita piedade me oprimia. Esquecido um instante de mim, da minha dor, chorei por não lhe poder valer. Senhor, como éramos miseráveis, como éramos finitos e frágeis! Ver a dor e nada poder!

Como se houvera compreendido o que em mim se passara, vi o semblante do sombrio guardião tornar-se menos áspero.

Ele. - Então dize-me, Deus ainda existe? murmurou quase suplicante.

Eu. - Sim, eu assim o creio.

Ele. - Prova-mo, que eu creerei como tu.

Eu. - Não o saberia, irmão. Não encontro palavras. Mas creio que Ele existe. Quero dizer, *sinto* neste instante que Ele tem que existir - eis tudo.

Vi as feições de granito de novo se contraírem.

Ele. - Entendo a tua fé. És daqueles que exclamam: Que seria de nós se não fora assim! És tão desgraçado quanto eu.

E o sombrio guardião cedeu, com piedoso desprezo, isso eu senti.

Ele. - Vem comigo.

RAIVOSAMENTE, a pesada porta rodou nos gonzos, como se minha entrada ali fora uma profanação. O claustro era silente; lúgubres as

arcadas, gretadas de rachaduras, e tenaz lepra a corroer as suas negras pedras. E o mesmo jardim ao centro, com três ou quatro arbustos, areia e cascalho, habitados de magros bancos de ferro, agravava o desolado aspecto de ruína... Evitando pisar nas sepulturas rasas, com suas lápides apagadas, como ignorados na memória dos vivos os mortos antigos que guardavam, eu o seguia em silêncio. Fechado em si, prosseguia impassível, tal um ser em quem se estancaram as fontes de humanidade, qualquer possibilidade de afeição e ternura, e se reduz a um autômato. Entretanto meu oprimido coração, naquela hora única, meu oprimido coração anelava por um companheiro. "Como somos sós! Ai de nós, da irremediável solidão de nossas almas, ainda nas grandes dores".

Na igreja, junto ao altar desnudo, crepitava uma chama rubra. Sombras trêmulas se recortavam nos reposteiros, que solenes se erguiam verticalmente. Cabeças curvadas, os monges ajoelhavam-se em círculos. Ali estavam elas, as criaturas que eu buscava; ali na comunhão fraternal daqueles santos, havia minha alma de encontrar a paz. Enfim! "Senhor, louvado sejas, na abundância da tua misericórdia!"

Ele. - Entra, não o quiseste? Entra e contempla.

O terror imobilizou-me. Estava meu espírito, tenso para tudo suportar, mas o espetáculo era demasiado violento para a santidade do lugar. Caído no tapete, na fisionomia a trágica expressão do derradeiro instante, braços abandonados, a figura de um monge velho, banhado em sangue, assombrava. Num esforço sobre humano, voltei-me para aquele que me guiara. Entendeu-me sem palavras.

Ele. - Dorme na morte. Com as suas próprias mãos a procurou.

Eu. - Mas nem aqui, nem aqui Senhor!

Desvencilhou-se de mim com rispidez.

Ele. - E este, era o mais puro, o mais perfeito da comunidade.

De novo lhe apertei as mãos.

Eu. - Retirem ao menos o condenado. Não prolonguem isto.

Imperturbável, aquela face de granito dirigiu-se para o altar. Tomou um missal de fechos dourados, abriu-o, e voltando-se para a comunidade, fez um ruído seco com a palma das mãos. Qual sonâmbulos despertando, os monges ergueram as cabeças.

Ele. - Rezemos o *Dies irae* por esse que jaz no chão. Se em vida foi o mais perfeito, demonstrou por fim que era também o mais sábio; em boa hora teve a coragem de ir ao encontro da morte, a *Consolatrix afflictorum*.

Nenhum monge se moveu. Mas entoando as primeiras palavras do hino:

Dies irae, dies illa.

todos o acompanharam, num tom monótono e plangente:

*Solvat saeculum in favilla:
Teste David cum Sibylla...*

Ajoelhei-me, cobrindo o rosto, sentindo invadir-me espiritual serenidade. Eis o que eu procurava. Compreendi-as, porque as via realizadas, as sagradas palavras tantas vezes conhecidas: "O reino de Deus é paz e gozo no Espírito Santo e está dentro de vós mesmos". Então toda a minha vida revelou-se um caos, erro e loucura, luta incruenta e cega em meio a universal cegueira. Formas vazias de ser, vi-as boiar à superfície de um mar estagnado, em via de decomposição... Já agora, como se não se tratara de mim, eu meditava. Por que fora assim? Tinha sido um mal? Mas se eles, erros e loucuras, e só eles, haviam preparado o instante perfeito, de identificação comigo mesmo, em que agora me rejubilava? Certo, não me seria dado alcançar as razões essenciais de tudo, mas nem por isso devia me perturbar. Não; não fora um mal. Havia sido necessário que assim fosse - eis tudo. E Ele, o Senhor de todos os destinos, cuja mão abatera Job e quisera de novo erguê-lo, ali me tinha a seus pés, e para sempre, para sempre, para sempre. Não era o reconhecimento da própria miséria o princípio da ressurreição?

Cantavam os monges; mas chegando àquelas palavras do texto:

*Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogatus?
Cum vix justus sit securus...*

ouviram-se longos suspiros, como de torturas e angústias concentradas, que se libertassem. Tão doloroso, que a todos emudeceu. Houve uma consulta de olhares. Sim, era do morto, era do coração do suicida que partira aquilo? Então ninguém perguntou o que fazer; em confusão e atropelo, ansiedade e pavor, precipitamo-nos para fora do mosteiro.

FORA, o espetáculo era além do que poderia alcançar a humana inteligência. Dir-se-ia que a Natureza havia enlouquecido, tal a fúria e a desordem e a raiva com que os elementos se despedaçavam. O Sol, a fonte da vida, apagara-se no firmamento; tudo trevas amortalhando o universo. E enquanto animais e coisas eram arrebatados indistintamente, só o homem era poupado.

Por que a singular exceção? Que destino trágico estaria reservado ao "rei da Criação"?

Não tardou que também os homens fossem arrebatados na voragem destruidora. "Eis, intui," eis que tudo se torna claro. Cumprem-se as palavras, é a realização do Apocalipse! Chegado o princípio das dores, que meu coração pressentia. Àquele que tem ser-lhe-á dado e àquele que não tem, o pouco que tiver, ser-lhe-á tirado. É a lei da divina justiça, que julgará vivos e mortos."

Tão terrível se me afigurou esta nova realidade, que de todo me olvidei a mim mesmo. Naquela circunstância extrema minha dor era a dor de todos os semelhantes; e o sentimento de fraternidade tornava-se uma verdade viva, profunda, única, a única realidade. "Ai de nós, Senhor, ai de nós!" Não clamava em palavras, pois os pensamentos se sucediam numa rapidez que elas não poderiam fixá-los, mas no fundo do ser, na mais eloquente das linguagens, a do sentimento "Senhor, deixa-nos voltar! Houve um equívoco. O imenso mar. Acreditávamos ver a Tua imagem no espelho de suas águas, mas elas eram turvas, as águas do imenso mar. Senhor, deixa-nos voltar e recomeçar!"

Que era? De onde vinha? O alvinitente resplendor cresceu; crescendo foi e ascendendo. Num instante tomou o espaço infinito. E em meio ao aniquilamento da Natureza atroou os ares uma trombeta. Logo se fez um enorme silêncio. E eis que o Supremo Juiz, o Senhor da Vida e da Morte, a Trindade Santíssima, surgiu entre as nuvens do céu, rodeado do exército de seus Anjos e Potestades, Arcanjos e Serafins, Tronos e Dominações, todo esplendor de onipotência e justiça, na plenitude de sua glória.

Então, exatamente como há milênios advertem as mensagens esquecidas pelos homens, abrem-se os túmulos, e os mortos das gerações passadas, juntando-se aos da geração presente, apressam-se todos em comparecer. Onde os eleitos? Onde os corpos gloriosos que os distinguiriam dos réprobos? Tragédia sem nome! Clamando, aos gritos lancinantes podem uns que montes e penhascos caiam sobre eles e os esmaguem; laceram-se outros os corpos, amaldiçoando em blasfêmias o dia em que nasceram; outros suplicam que o Inferno os possua e que seja a memória deles para sempre esquecida; outros - e estes legião - choram e tremem, esmagados pela certeza do horror que os espera.

Do alto, terrível no augusto tribunal, Deus-Pai alçou a voz sobre o desesperado mar humano. Sua palavra, candente de cólera, ecoou como um látego:

"Não vos conheço! Não vos conheço!"

E, inapelável na sua sede de justiça, majestosamente apontou para Deus-Filho, que à destra, ostenta os sinais do sacrifício cruento para a

redenção da humanidade.

"Não quisestes ser meus filhos no Tempo, desconheço-vos na Eternidade. Afastai-vos de mim, ide para a geena eterna, onde habita o Pai da mentira, a que me preferistes!"

ENTÃO o Demônio, o eterno Espírito do mal, olhando de frente a face irada de Deus, desatou numa gargalhada, porque a finalidade maior da Criação havia sido frustrada, porque a ele cabia a melhor parte...

SONHO II

E disseram entre si: Vinde, façamos
para nós uma cidade, e uma torre,
cujo cume chegue até ao céu...

Gênesis, XI, 4.

QUALQUER DIA - e eu vos afirmo que assim foi - navegando o mar oceano, me encontrei sob um céu desconhecido, em terra estranha.

Difícil elemento é a água - mas compensara os trabalhos da viagem e o imprevisto da descoberta. Então, esqueci icebergs e filibusteiros, monstros marinhos e ventos enfuriados, e de novo me exultou o coração à alegria da aventura.

Formidável país Babélicos edifícios arremessavam para o espaço as suas massas esmagadoras, dispostos como num tabuleiro de perdas proporções. Torres metálicas; pontes de aço; monumentos; chaminés e chaminés e chaminés vomitavam colunas de fumo contra o céu, numa demonstração de grandeza e poder nunca vistos. Nenhum vestígio de natureza! Tudo obra do engenho humano, da mão humana, da vontade humana.

Multidão azafamada, composta dos mais díspares indivíduos, agitava-se nas vias, largas e de longas perspectivas, lembrando uma colmeia, um formigueiro - colmeia e formigueiro humanos. Que vitalidade! Que exuberância de vitalidade! Mundo moderno, mundo primitivo!

Experimentei falar a um desses indivíduos. Mas passavam tão rápidos, de tão noturnos rostos e concentrados, que não tinham tempo para um gesto, para um olhar de gratuita fraternidade. Por mim mesmo entendi; não se tratava de uma data festiva, mas um dia comum, e aquele tumulto era a atividade normal de trabalho no assombroso país.

Num parque, sob árvores prisioneiras de cartazes, falava um homem a interessada multidão. Falava, e dizia:

"- Eu predico o Homem presente, a Vida presente. Eis a Eternidade. Cada ser é uma reserva potencial de energia. Cada ser é um dínamo. Ama o Sol e odeia a noite, ó Homem Forte. A Ação é a deusa fecunda! Esta deve ser a tua fé e nenhuma outra; a Ação! Verdade é que provou ser útil - eis tudo. Perguntam-me alguns por Deus. Deus é um ser finito. És tu mesmo. O mistério? Causas não identificadas ainda pela tua Mente. Oh, não acreditem, eu lhes conjuro, na palavra dos sábios. Que são eles?

Velhas feiticeiras enredadas em teias de aranha. Vejam como estão cheios de medo. Só o Maior Número está certo, só a sabedoria do Maior Número é verdadeira. A Morte! Que querem os que me interrogam sobre a Morte? Eu lhes respondo simplesmente: Morte não há. Eu predico o Homem presente a Vida presente. Eis a Eternidade..."

E prosseguia o homem do parque, sob as árvores prisioneiras de cartazes, prosseguia na sua estertorante eloquência. Era uma criatura que tinha muita certeza. Isso mostrava-se na pletórica figura dele - feliz como um animal no cio solto em livre campina. Apenas, nada tinha de sábio, nem de apóstolo, antes lembrava um titeriteiro. E impressionante - talvez só para quem não estava habituado ao espetáculo - toda aquela gente o ouvia como quem põe a juro uma soma que será centuplicada, como quem faz um bom negócio. Nem outra seria a razão de tanto interesse.

Sobreveio a noite e o homem do parque clamava ainda. Cuidei que a noite trouxesse um pouco de repouso àquela gente desvairada, enlouquecida, frenesiada. Mas naquela nação desconhecia-se o repouso, as delícias do sono - ali não se dormia. A vida continuava, buscando agora o prazer, noite dentro. Noite a dentro, à luz dos focos elétricos, que empalideciam as estrelas.

Misturei-me ao torvelinho humano. E meu coração se confrangeu. Aquele seria o país do Progresso, não o era da civilização. E a Felicidade! Ocupados em sacrificar ao Bezerro de Ouro, esqueciam de viver. Ali, a alegria das faces não nascia do coração. No coração, o verme tédio corroía o dom da vida, e destilava um veneno letal. Quando riam, aquelas máscaras, era num esgar histérico, animalesco gargalhar delatando trágico desespero em silêncio!

Evadindo-me da insana realidade, acolhi-me à sombra da mulher, da mulher, filha da Terra, descanso do guerreiro, e amiga. Mas também elas haviam sido picadas pela tarântula. Trajavam à masculina, alimentavam-se de licores fortes, intoxicavam-se de tabaco, tinham vozes rouquenhas, gestos grotescos e modos de pensar ainda mais grotescos. Não; não eram mulheres, antes um sexo neutro, que se dedicava com entusiasmo a misteres prosaicos. Criaturas sem mistério, que jamais inspirariam vontade de morrer por elas, Dedicções, sublimes loucuras - nenhuma ilusão de amor. A própria maternidade era-lhes algo importuno e desagradável; esta "função" estava relegada a criaturas obscuras, sem maior importância.

Ao contrário, a máquina era ali a divindade adorada. Quando se referiam a seus engenhos inclinavam-se respeitosamente, à semelhança dos hebreus ao pronunciar o nome de Jeová. E com seus engenhos desvirginavam o seio da terra, desviavam o curso dos rios, nivelavam

altíssimas montanhas, desciam ao fundo azul dos mares, devassavam as nuvens, punham-se em comunicação com mundos estelares, proporcionavam-se confortos inauditos. Tinham linhas belíssimas as máquinas, que maravilha, mas, de tão perfeitas, de tão perfeitas explodiam sem explicação, dizimando-os em massa como a insetos. O deus-máquina, ao invés de libertar, tiranizava.

Não silenciavam no esquecimento imediato estas tragédias. Todos deviam conhecer a extensão das catástrofes, frenesiar-se com o que tinham de horivelmente sinistro ou caricato. Para isso abatiam-se florestas inteiras. Com o ouro-branco de sua seiva fabricavam-se farrapos onde cada drama exaustivamente era contado. E como não bastasse, juntava-se o relato - pois a criminalidade era elevadíssima - de estupros, adultérios, assaltos à mão armada, nefandas corrupções, suicídios.

Aparentemente o chão era sólido. E a batalha era dos brutais, dos violentos, dos corações de pedra. Dentro da noite, em contraste com o feérico esplendor, vi porém braços estenderem-se suplicantes. Os deserdados do monstruoso banquete... Não tinham uma voz que por eles clamasse? Também, também ali fermentava o ódio nos subterrâneos. E no lagar dos atormentados corações secreta esperança vingadora ardia na certeza de assistir na hora próxima ao esboroar daquelas muralhas.

NA OBSCURIDADE tive um encontro com Satã. Não era a vitoriosa figura da legenda. Tão assombrado me senti, de sua presença não, mas de seu estado, que involuntariamente meus lábios murmuraram: "A que desceste, tu, Lúcifer, o Anjo mais luminoso entre os Anjos de Deus. Há decadências que não se deviam conhecer nunca. Antes a morte".

Ele. – Ah, amigo, a solidão é uma coisa terrível. Sabe o que é a solidão? Ah, ah, ah... Como há-de-saber o que é a solidão! Trabalha, alimenta-se, ama, odeia - vive. Quando a solidão o assalta, vai dormir, não é assim?

Apesar de tudo, sempre o mesmo: suas feições se iluminaram de uma alegria perversa.

Ele. – Estou só, Absolutamente só, embora rodeado de uma legião de servidores. É a pior solidão, esta, em meio à turba e do alto do supremo poder. Nunca, nunca um humano poderá medir a força deste trágico. Como pesa!

Então me abriu o tesouro de sua infernal sabedoria. Nem no Mal, ninguém mais acreditava no Mal pelo Mal. Tinha uma concepção aristocrática do Mal, mas os elementos a trabalhar não resistiam à grandeza de seu sonho. Que matéria ordinário o homem! Não era grande para o Bem, nem para o Mal. E era por isso que o *outro* (referia-se a

Deus), havia muito entregara o mundo à própria sorte, o que valia dizer, a ele Satã. Era o senhor absoluto. O Senhor, que ilusão! fora derrotado, confessava sem orgulho; fracassara. Transmutar todos os valores, transformar a face da Terra - belo sonho, que enterrara.

Ele. – Depois de amargar, decepção sobre decepção, coloquei minha esperança num tipo representativo da civilização: o burguês moderno. Ali estava o homem tal como o imaginava, na dignidade de sua espécie: cupidez, tirania, astúcia, má-fé, dolo e orgulho. Matéria para uma obra-prima! Este portanto, eu o atiraria à face do inimigo. Mas, aí do meu titã, penetrando-o de perto, compreendi o meu erro. O meu titã não era uma montanha, era uma planície. Em suma, um poltrão dos mais vulgares, execrável. Quantas vezes não surpreendi em suas faces congestionadas o sentimento da falta de segurança, a incerteza do dia de amanhã, o medo, a angústia, o tédio. Numa palavra, o sofrimento. Neste dia, desprezei-o mortalmente. E voltei-me para seu escravo. Quem sabe não encontraria neste o metal para moldar o meu tipo de humanidade? Não era a alma do pária das grandes cidades, revoltado contra as condições de existência, uma cisterna de ódio, uma chama sanguinária de vingança, ressentimento, cegueira? Estimulei as suas qualidades. Mas também um dia descobri que o meu novo herói era tudo isso, animado porém pelo *elan* humanitário de forjar um mundo de justiça e de amor, numa idade de ouro. Veja: o essencial eu não atingia nunca. Porque a minha vitória só a alcançaria quando alcançasse este pouco: a aceitação da consciência do Mal.

Lançou-me um olhar, e baixo, em suave tom confidencial:

Ele. – O homem é uma coisa imprestável. É tão ruim coisa, que acabou me contaminando com a sua fraqueza. A mim! E aqui está a outra face da minha tragédia. Nauseado, odiei a Humanidade. Mas, de cada novo desengano, imbui-me de compaixão por esse verme, esse trapo, esse zero. Ah, é realmente de comover! Que solidão de homem para homem! Se tentam aproximar-se, que grosseira desproporção entre sentimento e realidade. Se se voltam para a Natureza, que outra coisa deparam aí senão a sua rígida impassibilidade? E mais a Necessidade e os Limites - exceto diante da Dor - e a perplexidade perante o Desconhecido. Por último, aceito como um bem desesperado, o absurdo doloroso da Morte. Francamente, não se faz preciso ser um prodígio de Bondade; o homem merecia destino melhor. Ouça, ouça o meu segredo: *Eu agora amo o homem.*

EU AGORA AMO O HOMEM - disse, e sumiu com a claridade da aurora, que acordava. Até ele, até Satã, o eterno espírito do Mal, o anjo rebelado,

o mortal inimigo, o Tentador, Satã, até ele, compadecido da humana criatura! *Eu agora amo o homem*. Oh suprema maldição! Que faço aqui, que ainda espero?

Amanhecia. Que faço aqui? Neste vasto mundo não há lugar para os humildes, para os pequenos, para os obscuros nem para os mais obscuros e humilde de todos, os poetas, os visionários, os contemplativos; a singularidade desta raça é uma contradição, e mais que uma contradição, ameaça e ofensa. Sumariamente foram eliminados para o perfeito funcionamento da engrenagem. Por cima de tudo paira uma necessidade de nivelamento que impõe o sacrifício da exceção. E a lei cumpre-se inexorável. Aqui é o país do homem-músculo, do homem-máquina, do homem-rebanho!

Tantos séculos de experiência, e os primeiros não saberem viver debaixo do Sol! Horrorizado desta grandeza monstruosa, deste inferno de pó e fumo, ruído, velocidade, ação, minha alma sentiu-se num cárcere, ansiou por uma nesga de céu e um pouco de ar. Que faço ainda aqui? Logo deixando para trás avenidas asphaltadas e arranha-céus, torres metálicas e pontes de aço: monumentos, máquinas, chaminés; anúncios luminosos e almas escuras, refugiei-me no meu frágil batel. Livre, salvo! E a plenos pulmões bebi o ar infinito do mar, do mar oceano - espelho do poder e da grandeza de Deus.

S O N H O III

O insensato disse ao seu coração: Não há Deus.
Salmo, XIII, 1.

UM SINAL apareceu no céu. Um ponto luminoso, de brilho diferente, foi visto no céu noturno. Que era uma estrela, nada havia de singular, disseram alguns. Mas o brilho cresceu no céu, e aqueles mesmos que haviam falado, calaram-se cautelosos.

Realmente, não era uma simples estrela. Ao amanhecer, a imensa luminosidade já mudara de lugar e não se assemelhava a uma estrela - era um cometa.

Era um cometa, e um grande medo nasceu nos corações.

Em pleno meio-dia, cegante como uma rosa de fogo, intenso como um Sol mil vezes mais poderoso - inferno de luz - irradiava-se pelo espaço infinito uma esteira feérica, que parecia querer tocar a Terra, atingi-la, abrasá-la, chocar-se com ela e parti-la ao meio, destruindo-a num cataclismo...

O povo acreditou no fim do mundo. Muitos fugiram; muitos foram para os templos suplicar a Deus tivesse piedade dos humanos; alguns mataram-se.

Depois, aos poucos, o fenômeno desapareceu. Desapareceu no céu; não nos corações, neles um temor ficou e grande medo.

FOI ALGUM tempo depois. Nem todos sabiam, tais como as crianças e os loucos, mas a ameaça pairava no ar.

Um pastor descera da montanha. Confiara o seu rebanho a um companheiro e baixara à cidade, arauto da terrível notícia.

Verdade? Difícil, talvez impossível saber. Novas circunstâncias haviam-se somado às primeiras e, a essa altura, a origem do magno acontecimento esbatia-se na bruma de detalhes possíveis, informações de terceiros, argumentos francamente absurdos ou absolutamente verossímeis.

Um perigo ameaçava a cidade, e iminente. O pastor que descera da montanha, abandonando as ovelhas que lhe davam alimento e roupa aos filhos, ali estava para afirmá-lo: a cidade ia ser atacada por uma alcateia de lobos.

Não falava levianamente. Trazido à presença das autoridades, relatou fatos testemunhados "por aqueles olhos que havia a terra um dia de comer" - a jovem Abigail, de dezesseis anos, arrebatada pela garganta; o menino Joaquim, estraçalhado à vista dos próprios irmãos, que não lhe puderam valer. E desfiou (embora rude zagal tinha a palavra fácil) casos e cenas de estarrecer. Tudo indicava que a cidade, de resto indefesa, seria o próximo objetivo, a presa imediata dos lobos.

Não agradou aos responsáveis este opinar franco, de um rústico. Uma palavra perpassou nos lábios, que não foi pronunciada: louco!

Prenderam-no. No cárcere, como insistisse, retiraram-lhe o alimento, não lhe deram paz. E quando, seviciado, o tiveram reduzido a nada, os gendarmes o conduziram uma noite às muralhas da cidade, onde o "suicidaram".

O principal dos verdugos:

"Eis um ótimo pasto para a fome dos cachorrinhos!"

O vento frio cortava. Esfregaram as mãos; e antes de romper a caminhada beberam um trago.

CALOU o pastor, e nada mais.

Um mal-estar começou a perturbar as almas, ainda as mais fortes. Em pouco, até os animais domésticos vozeavam, nitriam, escoicinhavam, indóceis e inquietos, farejando a aproximação do inimigo. Assim em terra. No ar, havia algo de pressagioso no voo dos pássaros.

O zelo apostólico também requer prudência. No primeiro domingo, subindo ao púlpito, o deão fez uma prática recomendando como remédio salutar a confiança em Deus e orações específicas contra lobos.

Porém no auge da sacra eloquência aventurou-se num raptó de inspiração a descrever "a sanguinária besta de ventas dilatadas, olhar em chispas, habitante dos lugares desertos, onde assiste aquele outro monstro, o Espírito do mal", excedendo-se desastrosamente nas tintas.

"Salvem-me, salvem-me, não quero morrer!"

Era uma mulher. O pavor de ser devorada pelos lobos ensandecera-a, Rasgando as vestes e gritando, atirou-se porta afora em direção à montanha, ao encontro das feras.

E com ela precipitaram-se os presentes, cujos olhos em pânico imaginaram vê-los acometer aos lobos, à alcateia de lobos, pelo templo a dentro. No atropelo da fuga sete crianças e mais cinco mulheres, das quais duas grávidas, foram pisoteadas e mortas.

QUEM ousava ainda julgar a ameaça dos lobos um puro fato natural? Ali estava o dedo do Altíssimo. Pecados ocultos haviam clamado ao Céu, e

como às cidades bíblicas, como outrora Sodoma e Gomorra, o Senhor a lançava de si, enviava-lhes uma provação.

Má hora e lugar escolheu o principal dos gendarmes. Não cria em Deus porque nunca o vira; por igual motivo negava-se a crer em lobos. A admiti-los - palavras suas - seriam assim como uns cães menos mansos.

"Quando vêm eles?"

Era na praça. Foi-se o povo amotinando em torno do imprudente.

"Quando vêm eles?"

Perdeu-o a sentença oracular de um ancião. Tinha este uma intensa cabeleira branca e uns olhos ausentes de estátua. No tom de sua vez, aliás débil, foi encontrada a sabedoria.

"Eis o ímpio que irrita o céu contra nossas cabeças!"

Sangraram-no ali, à luz do Sol, com a própria arma.

A VIOLÊNCIA contra o gendarme aliviou um pouco a tensão. Mas no íntimo cada um sentia-se presa singular das feras, da alcateia de lobos. Ainda não viera, mas àquele tempo estaria já confederada, talvez a caminho, talvez às portas mesmo, da cidade!

Nem era só a ferocidade que se devia temer das alimárias. Se num encontro o lobo via o homem primeiro, quedava-se infeliz sem voz para gritar, sem força para correr - então era a morte horrível.

Outras versões se difundiram. Nos relatos, agora o trágico, logo o cômico, quando não ambos, se confundiam para emocionar quantos da desgraça tinham conhecimento: quase sempre a cidade inteira.

Era de esperar um movimento de defesa. Não tardou. Moça judia, bela e corajosa, fez-se a animadora de uma cruzada contra o inimigo. Pediu solidariedade, pediu amor, anunciou ardentemente a vitória:

"A causa não é de ninguém, é de todos, meus irmãos!"

De toda a cidade, de suas trinta e cinco mil almas, apenas dois rapazes se dispuseram e uma velha. Não desanimou a lutadora. Mas na hora de seguir para as muralhas à noite, só a velha apareceu - e a intrépida chorou de ódio:

"Lobos! Lobos! Mais lobos que os outros!"

FAMÍLIAS abastadas tratavam de emigrar, partindo com os bens móveis, relegando ao acaso as propriedades egoisticamente procurando salvar o benefício maior: a vida. A gente pobre, animada pelo exemplo dos grandes, começou a abandonar as terras, ao passo que dentro da própria cidade corporações inteiras de artesãos faltavam às oficinas.

Então as ervas daninhas invadiram os campos, inutilizando as searas, envenenando os animais. Carcaças insepultas pelos caminhos

emprestavam a atmosfera. Para desespero maior, foi o inverno rigorosíssimo aquele ano.

E veio a fome. Desordens explodiram por toda a parte. Gente laboriosa, degradada em mendigos, aos bandos, entregava-se à pilhagem e ao saque. Velhos ódios demandavam-se em vinditas pessoais. Os que tentavam resistir eram transpassados. E sobreveio a peste.

SURTIU nestes dias, ninguém soube jamais de onde - talvez do silêncio antigo de uma mansarda, dos rochedos escarpados talvez - um homem de faces cavadas, e sereno. Não falava nas praças, nem era visto no tumulto. Buscava os caminhos retirados, convocando as pessoas para a paz de uma árvore ou junto às areias do mar, e lhes falava. Com palavras doces, quase uma queixa, e com persuasiva veemência - como um participante da desgraça, como alguém que sofre e compreende e perdoa - mostrava a loucura por onde trilhavam, o dilaceramento inócuo das paixões, e como em realidade estavam todos de acordo. Apelava para a razão, indicava as excelências da razão e a miséria do instinto não iluminado por ela.

Algumas vezes reunia na planície aqueles que o seguiam e, de joelhos diante do azul, orava com eles:

*"Faze-me, Senhor, um instrumento de Tua paz,
Onde há ódio, que eu leve amor.
Onde há ofensa, que eu derrame perdão,
Onde há discórdia, que eu logre unir.
Onde há dúvida, que eu acenda a fé,
Onde há desespero, que eu anuncie a esperança.
Onde há tristeza, que eu conduza a alegria.
Onde há trevas, que eu difunda a luz.
Ó Mestre, que eu não procure ser consolado, mas consolar;
que eu não busque ser compreendido, mas compreender;
que eu não deseje ser amado, mas amar.
Porque
é dando que se recebe;
esquecendo-se que a gente se encontra;
perdoando, que se é perdoado;
morrendo, que se ressuscita para a vida eterna."*

Em nome de quem erguia a sua voz, foi-lhe perguntado. Ele apenas afirmou que não era no seu, aliás não teria valor. E deu a entender que falava em nome de uma imemorial sabedoria. Simples era a mensagem. Esta era a sua mensagem: amor. Então alguns disseram que estava ali um

novo Cristo, sobretudo os simples. Os doutores, que era Belzebu, com o manto do Anti-Cristo; atiraram alguns contra ele, que o apedrejaram. Não tardou a ser intrigado com as autoridades, que se apressaram em difundir entre o vulgo o boato de que a peste coincidira com a revelação daquele falso profeta. E os mesmos que o seguiam o entregaram às autoridades, pedindo a sua morte.

COMPREENDERAM as autoridades que nem todos os problemas o tempo solucionava. Agindo com pulso de ferro - zelo tardio no qual (opinião de muitos) a inércia do passado se traía - suspenderam todas as liberdades, aplicaram a lei-de-talião.

Cabecilhas de bandos pilhadores foram sumariamente liquidados. Até inocentes pereceram. Que importava! Era preciso salvar a ordem pública a qualquer preço.

Implantou-se o terror.

Então o capitão da guarda palaciana, espada gloriosa no sangue de doze batalhas, juntando-se a três ou quatro chefes subalternos, num golpe rápido depôs o governo.

Na proclamação que dirigiu ao povo, além de anunciar que passara pelas armas todas as figuras daquele governo corrupto, traidor e inoperante, houvera por bem detectar que os haveres lhes fossem confiscados. Para serem distribuídos ao povo - por todos os títulos o verdadeiro dono deles! Quanto ao perigo, estava conjurado, o que valia dizer: seria organizado um troço de homens aguerridos para dar caça aos lobos nos fojos da montanha. Assim, voltasse cada cidadão à respectiva atividade, confiante e tranquilo.

O povo aclamou o capitão como um herói.

ORA, entre os mais ousados para a empresa um moço havia, da nobreza da terra, a quem o capitão da guarda palaciana, por natural amizade, queira com a um filho. Este, incumbido do extermínio dos lobos, arengou aos mais; que lhe ordenavam, tão mal vestidos e municiados? Sem dúvida, não se visava a acabar com os lobos, senão se desfazer deles próprios para tripudiar sobre os indefesos cidadãos. Por outro lado (perorou) tolos eram, tendo na mão aquela força, que era toda a força da cidade, não conquistarem o poder, ao invés de perseguir feras numa luta desigual.

Foi decisivo o argumento. Dali mesmo tornaram o moço audaz à frente, tão expeditos no executar quanto no conceber.

Feliz circunstância os ajudou; estavam os novos maiores banqueteados pela vitória - Chacinaram-nos a todos.

E num trabalho metódico decepavam-lhes as cabeças, que perduraram nas árvores da estrada principal, em ordem hierárquica; a cabeça do herói da véspera abria o fantástico cortejo.

Mas estes se mal-avieram ao repartir dos despojos. Cada qual se julgava com direito à melhor parte. Exacerbados, não mais se entenderam e começaram a se devorar mutuamente, com lupina ferocidade.

Os ratos tomaram conta da cidade.

TAMBÉM os ratos não subsistiram. Asquerosa doença estourava-lhes os ventres, logo a terra foi adubada com esta matéria. E do monturo, na desolada planície, uma flor nascia de pétalas em cálice, que durava a eternidade de um amanhecer...

ÚLTIMO SONHO

Eu te ouvi por ouvido de orelha; mas agora te vê o meu olho. Por isso me repreendo a mim mesmo, e faço penitência no pó e na cinza.

(Job, XLII, 5-6, respondendo por fim com sabedoria ao Senhor, que lhe falava do meio de um redemoinho)

SINTO QUE O FARDOS dos dias e o desgosto da multidão, ultrapassam em mim o limite suportável. E tomo uma diligência, parto para Val de Palmas. Val de Palmas, *o país que não se parece a nenhum outro*, cujos símbolos são a água e a serpente, o reino beijado pela luz, propício à floração do que têm as criaturas de mais íntimo, do singular, do absoluto de cada um. Libertos do medo, a alegria é a marca das palavras e ações. Nem escravos, nem senhores. Severos para consigo mesmo, compreensivos para com os outros, esforça-se cada qual menos por receber que dar, certo de que mais enriquece dando que entesourando. E assim ali o sono é tranquilo, porque ninguém tem ouro enterrado que venham à noite ladrões escavar e roubar. Verdade que a terra não é grande; cabem todos nela, porem, e o Sol amadurece as searas, que produzem em abundância. Ali não está morto o sentimento do mais alto; ao contrário, é vivíssimo, mas isto não oblitera o profundo sentido da terra; os lábios dos apóstolos falam de Amor, mas trazem-no no coração. E todos são dignos da vida, porque a amam. Em verdade jamais devera ter saído de lá. Ninho tépido de minha infância e adolescência, no Vale das Palmeiras, *a terra de onde se avista o Sol primeiro* - ali devera ter passado os dias de minha existência. Como acontece a toda gente, a mocidade, com seus enganos, tangeu-me do ninho natal e por largo tempo - enquanto durou a sedução pela Cidade Grande - Val de Palmas, *o país que não se parece a nenhum outro*, tornou-se uma ilha apagada num oceano de lembranças o que eu tinha de melhor sem o saber. Por último, quando foi a Cidade perdendo a auréola, quando o sofrimento me visitou - e mais que o sofrimento, a consciência dele - Val de Palmas, *a terra onde se avista o Sol primeiro*, começou a emergir do caos. Emergiu, e

reconheço-a agora maior e mais bela do que a viram meus olhos juvenis. Volto um pouco tarde, os primeiros fios alvejam-me nas têmporas, mas não importa, ei-la, a minha Atlântida, descobri-a, e é tudo! Nem direi que jamais devera ter saído de lá. Por que sentimentalizar-me? Tudo está certo, esta serenidade desconhecida que aos poucos se apodera do meu eu de volta o confirma. E esta serenidade eu sei que ela não mente. Não há paz que não seja conquistada com lágrimas e vigílias, com o sangue da nossa vida, a paz verdadeira. É a dura lei do amanhecer do espírito. Os que perecem não têm outro destino. Quase inumano, mas assim é. É preciso deixar o doce carinho animal do círculo primeiro, perder-se nas tentações da Cidade Grande, e errar, e acertar, e pecar, e pecar ainda sete vezes, para empreender a aventura de torna-viagem. Tentei-a um dia, há muitos anos, não estava maduro, voltei com a desolação na alma... Vejo-me homem de trinta anos, naquele dia antigo. Vou rever o céu de minha infância e adolescência. Desembarco. Oh dor, como tudo está mudado! Brilha o Sol, faz calor. As coisas se exibem cruamente - nuas, físicas, reais. São as coisas. Tudo sem mistério, agressivo. Um desgosto grande me transborda do coração. Detenho-me para captar a consciência do que acontece. Não, não é hostil este lugar, familiar outrora. Não é hostil, mas diferente. Tudo mudou, tudo. Como um estrangeiro. Como um estrangeiro na terra natal, depois da larga ausência. A tatear, diligenciando decifrar nos muros uma inscrição. O tempo deliu os caracteres, impossível recompor a legenda. Que teimo em fazer aqui? Vamos, vamos, forasteiro na própria pátria, confessa a derrota. Resigna-te a aceitar que tudo está morto, perdido. Assim falou meu coração. E esta verdade me melancolizou naqueles dias como se tivera sido defraudado para sempre de um supremo bem. Como se uma parte de mim próprio, porção essencial houvera sido cortada, aniquilado pelo arbítrio de uma divindade perversa. Sem nenhum sentido. Para cumprimento de uma lei absurda e irônica. E eu ali, sozinho, no mundo vazio, de alma vazia.... Como estava longe da profundidade do meu próprio ser... Meus olhos só discerniam as superfícies, meus pobres olhos de antigamente. Hoje não; nesta hora não. Devassam mundos, viajam nas estrelas - e eu compreendo. Ah, como compreendo! Oh solene momento, manhã do espírito em estado de graça! Valeu a pena. Eu, que tantas vezes abri os lábios para amaldiçoar, quero confessar bem alto dentro de mim: mea culpa, mea culpa, mea culpa. Um dia tomei a parte dos bens que me cabiam na herança paterna, fui dissipá-los em terra estranha. Meus dias de loucura! Depois vi-me coberto de farrapos, alimentei-me de raízes, chorei. Por isto valeu a pena - eu conheci a dor.

PARTO ABRUPTAMENTE. É esta a minha hora, a hora única. Malgastei tantos dons, não me vejo de mão vazias; quanto desperdicei me volta centuplicado. Eis que me encontro - e me reconheço. O fruto dourado do Tempo! Esta visão explode diante dos meus olhos, folha madura que desprende do galho. Pela vez primeira me invade o sentimento de que tenho um passado, sou um ser vivido. Aqui está. Aqui está, nitidamente, um novo sentido. E até esta hora insuspeitado! O mundo cresce, mas cresce dentro de mim, alarga-se em novas dimensões e valor. Abatem-se muralhas, irrompe, violento, indomável um enriquecimento de espiritualidade, de profundidade autêntica. Nada morre. Isto sou eu! Por que só agora o compreendo? Compreendo-o a tempo. O que foi, não importa. Este é o momento inaugural. Transcendente momento. Belo demais. Sentimento que não se deixa pensar, não há verbo que o possa dizer. Como a revelação de um alto amor. Mas no amor há a perturbação. Aqui só a intensidade. Oh infinito! Quase doloroso. Belo demais. Devia me calar, eu devia me calar- maravilhosa florada. Tumulto de estranha serenidade este, inundando os subterrâneos... O fruto dourado do Tempo. *Isto sou eu!* Vitória sobre o Tempo efêmero, que ninguém me arrebatará, em todos os meus dias. Pratiquei tantos gestos, palavras. O desesperado afã de não morrer de todo, de não morrer nunca! Por que em meu coração esta loucura? Tudo o que eu fui, se tiver de se perder, que se perca. O frêmito, o momento-de-vida-e-nunca-mais, este não se perderá, jamais. Subsiste comigo no eterno-presente, meu clima. Oh vida! Oh Sonho! Oh Mistério dentro de nós mesmos a que chamamos Deus! Vem, Solidão, que eu quero amar-te. E tu, a temida, tu, Morte, aproxima-te, que te chamarei irmã. Oh Silêncio! Eis-me de regresso. Eis-me de regresso, ó Deus, ó céus, ó mar, ó criaturas. E tu, minha alma rejubila-te, porque se o fazes na hora noturna em que outros se sentam - o imenso tédio - diante de uma dourada garrafa a gargalhar; na hora em que muitos se evadem devorados de fel e em que não poucos, sem esperança voltam revólveres contra o peito; tu, ao contrário, não acusas nem te acusas - apenas te retiras. Nem mesmo com ironia, e feliz, feliz como um ser identificado - enfim! - consigo mesmo.

LARGO É O CAMINHO, grave a hora. Avança a diligência na estrada real... Posso entoar meu cântico de libertação. Conheci, amor, também o teu império. Ei-la, caminhando para mim seu corpo gentil de adolescente, pleno de segretos estremecimentos e promessas. Como se cristalizaram as promessas? Que mulher desabrochou das formas maturoscientes da sua puberdade. Era realmente bela. Tinha consciência disso, como não tê-la, se mais eloquente que os espelhos, tantas faces se voltavam para ela,

tantos lábios se abriam para tecer-lhe a homenagem de um comentário quando passava atenta ou distraída? E, sábia, não houvera provado do fruto proibido, não fora profundamente mulher; multiplicava as graças da natureza com os requintes da moda e da *maquillage*. Que força convincente se irradia do seu auto-retrato! Está naquele "fundo", tão lírico na sua totalidade evocativa de mar à hora meridiana em dia claro, cuja secreta palpitação mal se contém nos limites materiais da moldura; está sobretudo no halo indefinível que tão poucos tiveram olhos para ver e que eu, íntimo de sua alma, nele surpreendo flagrantemente. Como teria ido longe, ela que começou tão bem na arte de sua eleição! Não o quis a Vida. Vida, Destino, Providência... Quanta palavra para esconder a essência de uma realidade que não alcançamos. A noite em que nos vimos pela derradeira vez. Ái, ignoramos sempre, e isto é o que dói, Virgínia. Virgínia, ó Virgínia, a tua ausência deste mundo desperta-me um tumulto de perguntas. Acaso deverão ficar sem respostas? Que mensagem vieste trazer? Que queria dizer o milagre da tua beleza? E a tua partida, a tua tão breve partida, Virgínia? Jamais houve um amor igual ao nosso. Tão belo, que eu às vezes imagino foi um sonho. Mal de mim. Orgulhoso, eu cuidava que a Bem-Amada fosse eterna. Mal de mim, A Bem-Amada é frágil, frágil. E agora aquela desfaz-se na terra que um dia adorei... Mas não; este amor me acompanha e se confunde comigo, e é eu, e desabrocha em piedade - por mim, por todos, por tudo. Virgínia, Virgínia, Virgínia.

AVANÇA A DILIGÊNCIA NA ESTRADA REAL... De ambos os lados é o campo, a planície ondulada onde apontam todos os matizes do verde, avermelhado aqui por um corte vertical na terra, ali por um telhado novo. O céu alto é anil; esvoaçam rebanhos de nuvens sobre as longes encostas. Cheiro de terra molhada, dilui-se em erva rebrotada, volta, de novo se perde ou se confunde. Agora é o rio, a sua água barrenta de erosões, viajando. Nenhum barco. Beleza nenhuma. Apenas, às margens, as trombetas se debruçam brancas, e se debruçam num flagrante desejo de tocar a água, que não para, que vai para o mar. Ficam andorinhas, em ordem de batalha, pelos cabos de alta tensão. E anúncios que se agigantam à medida que a diligência se aproxima, sorrindo uma face gentil, um lubrificante, qualquer inutilidade, mas também atirando uma palavra sonora. Lá para trás, cada vez mais distante, ficou a cidade dos homens. Cada vez mais distante, com seus arranha-céus, seu orgulho, seus autos, e o tédio, o tédio, o tédio devorador... Avança a diligência na estrada real deixando atrás uma nuvem de pó. Espessa nuvem. Não ajuizem pelo que veem; os olhos, o mais das vezes, os olhos mentem.

Nem cuidem que é para estabelecer uma cortina com os que ficam, para erguer uma muralha. É a natural consequência do atrito rápido das rodas e das patas contra o solo. Apesar da náusea ainda sei bendizer. E sei bendizer. Que seria pecado empenhar de ódio a significação deste minuto. Nem a grande presença o permitiria. De longe, lá de longe, ele se faz anunciar pelos moinhos - os moinhos de vento, irmãos civilizados daqueles que o Quixote acometeu de lança em riste - ei-los, eretos, cinzentos, dalias enormes semeadas na planície. Mais belas ainda são as dunas de sal faiscando a sua alvura de neve, retalho de paisagem polar inserida no trópico. A água tem nestas reentrâncias do litoral serenidade de lago. O vento açoita o rosto, que vontade de gritar. Oh espelho da face de Deus. oh mar poderoso! Então não haviam pressentido a solene presença? Então Este marulhar incessante, essa música em surdina, não lhes dizia nada? Ou imaginavam o canto de alguma aeronave que cega sobrevoasse a pista? Agora, à direita, nada há digno de nota, mas à esquerda fica o mar. Considerai: o velho lobo de vagas tormentosas não, mas o tranquilo mar que se espraia na areia e em alguns recantos banha isolados arbustos. Fica uma salina para trás, surge outra... Passa esta e outras se sucedem com as suas dalias, as suas neves e os seus trabalhadores do sal! Há o horizonte, lá longe, onde a luz acorda em novo dia e à tarde as nuvens armam desvairadas fantasias. A linha do horizonte, onde transatlânticos posam um instante, orgulhosos, inacessíveis. Também há pássaros marinhos solitários e em bando. Há muita coisa de ver; a asa branca de um veleiro, por exemplo, porfiando com as ondas, ao largo. Para os trabalhadores do sal, para estes é que há apenas uma tarefa a executar, rude tarefa que se repete monotonamente cada sol: puxar sal dos cristalizadores. Não, não é fácil sonhar sob as abas largas de um chapéu de palha. Sabei, irmãos, que estou convosco, não com o vosso ódio, convosco. Com este mar fraternizo. Não me agradaria se viesse arrebentar em vagas violentas, o oceano terrível das epopéias ou a moderna estrada líquida das cidades flutuantes, escoltadas por cardume de golfinhos, grávidas de civilização, habitadas de ociosos, beldades, ladrões internacionais e algum morto famoso. É que daquele outro mar guardo, como um pesadelo, experiência terrível. É com este outro que eu fraternizo. Breve, em Val das Palmas, o país que não se parece a nenhum outro, irei conversá-lo. Ele: "Benvindo, Benvindo, porque chegaste vivo a este dia! " Eu: "Salve, irmão mar, bem sabia que me havias de abraçar". Sou um homem liberto! Agora e aqui, sou um homem liberto. Compreendem o que isto significa? Oh é imensamente grande - é a vitória, a vitória de um homem novo sobre as ruínas de um homem velho! Posso - eu posso - dizer não a todos os enganos, a todas

as loucuras da Cidade Grande, e rir à face dos fetiches de outrora. Eu posso dizer ao Sonho: "Vai-te, sórdido, não mais te reconheço". Ou: "Vem, estende-te a meu lado" Ah, *eu sou*, enfim!

VISÃO? PRESENTIMENTO? Intuição do meu destino? Ou fantasmagoria da alma exaltada, do corpo cansado, na hora cálida? Foi quando a diligência deixou a estrada real e começou a cortar pelo atalho, no bosque espesso... Museu? Sala de casa senhorial, um castelo talvez. Figuras esculturais de dimensões várias e várias formas, dispostas em aparente desordem ao longo das paredes. Estava num atelier. Não me admirei, imediatamente me dispus – força desconhecida a tal me compelia – a trabalhar um pesado toro de madeira. Possuído de *élan* nunca sentido, eu me dizia: "Arrancarei desta matéria bruta uma obra de arte". Modelarei um torso. E será o que de perfeito se realizou até hoje no mundo!". Sábias, as mãos vibravam golpes, e o volume de uma cabeça surgia, que me agradava. Novos golpes, e simétricos busto e braços se formavam. Alguns golpes ainda, e a superfície curva do ventre se plasmava. Afastei-me para contemplar. Não; não era aquilo. Algo essencial faltava para uma obra de arte. Não fixara senão o contorno, o aspecto exterior. Numa intuição realizei: a alma. Era a alma! De novo me aproximei da massa inerte. Imprimir-lhe-ia a centelha divina, animaria com o sopro imortal da vida todas as suas fibras – e resolutamente lutei e relutei. Ilusória ambição. Eu buscava o *impossível*! Louco de raiva, senhor da mesma força com que porfiara realizá-lo, aniquilei o torso de madeira. Liberto, aliviado, rolei no tapete. E, sem transição, me vi andando ao acaso na perspectiva de uma avenida pavimentada de arabescos e marginada de arranha-céus de um só lado. Ninguém, nem uma face humana. Não era uma cidade? Encaminhando-me para a margem sem construções, compreendi que estava à beira de um abismo; temerariamente me inclinei; não era abismo, era o infinito! Fitando-o, lembrei-me dos versos de um poeta querido; vão esforço; nem mesmo o sentido reconstituía. Não importava. Já agora uma pérola negra, de grandeza nunca vista, luzia no infinito. Luzia no infinito e havia milênios esperava por mim para que entrasse na sua posse. Lá estava, lá estava! Fitei um instante o espaço, cerrei os olhos, e audazmente me atirei. Miríades de estrelas de um brilho triunfal povoavam a região sem limites, enquanto eu transpunha com a velocidade de um aerólito. Lá estava, lá estava a minha pérola negra! Abruptamente, o milagre cessou; os astros foram diminuindo de número e grandeza, eclipsando-se, fazendo-se em pouco tempo uma treva de primeira noite do mundo. Perdi-me nessa noite escuríssima. Quando me libertei, tinha o espírito exausto e estava na

eminência de um penedo em mar alto. Asas no horizonte longínquo. Moça, a manhã despia o véu das águas, acordava em rosa e prata – mas não acordava para mim. Um sentimento de culpa me oprimia. Eu cometera um pecado. Pecado que não se comete impunemente: EU HAVIA DESTRUÍDO ALGO, E FAZENDO-O, AO MESMO TEMPO ME MUTILARA – A MIM MESMO ME MUTILARA. Nem ao menos me era dado projetar um pouco de luz sobre o meu sofrimento! E arrepender-me, e chorar – ó Deus. Inútil consolo, os versos rebeldes de há pouco me acudiam nítidos aos lábios: “*A dor é constante, indefinível, negra; e tem a natureza do infinito*”. E tem a natureza do infinito ... Repetindo-os melancolicamente, para sempre ali devia eu ficar! Foi exatamente isto, eu lembro, quando a diligência deixou a estrada real e começou a cortar pelo atalho, no bosque espesso ... Visão? Pressentimento? Intuição do meu destino? Ou fantasmagoria da alma exaltada, do corpo cansado, na hora cálida?

PALMAS, EI-LAS, EI-LAS, AS PRIMEIRAS! Não tardarei a divisar, entre montanhas as ameias do Castelo. Foi o primeiro mistério da minha vida. Lembro: lá penetrei no dia da morte da velhinha a quem chamavam com reverência a condessa. Eu era um rapazelho, mas aqueles corredores longos de muros assombrados e tetos altíssimos, aqueles salões onde os passos ressoavam como num tûmulo, encheram-me de espanto, de comovido, temeroso respeito. Oh, se lembro! Cada coisa ocupava o seu lugar solenemente. Hoje compreendo; era o pretérito, era a história, era o tempo cristalizado em torno dos objetos, corporificado na matéria dos objetos mesmos, e estes a travar com suas formas frágeis como escudo uma luta silente, contra os intrusos defendendo a sua impossível imortalidade. Que me recriminavam aqueles rostos severos de outro século, na prisão dourada das molduras? Vi-me de corpo inteiro na água estagnada de um espelho e tive medo, fugi. Depois foi a vez do conde. Não tardou em juntar-se àquela companheira de uma existência, lá revertem ao pó na igreja, sob uma lápide onde apenas se vê uma cruz e datas. Fora importante, homem do mundo e de paixões. Um dia abdicou de tudo, sem uma queixa, uma palavra, só com o seu orgulho. Tornei ao Castelo, algum tempo depois desta morte, e então retrocedi da porta. Que angústia nos objetos abandonados em desordem! A Morte instalara ali a sua morada ou pelo menos quisera deixar evidentes as marcas de sua passagem. Dir-se-ia que o aviso de um castigo, da peste, da ameaça de uma vindita, chegara por um mensageiro fiel ao conhecimento dos habitantes daquela casa, e que estes, resignando-se a levar consigo aquilo que cada homem pode reter, haviam deixado tudo na fuga precipitada...

PALMAS, NOVAS PALMAS. Lá estão, ei-los, os benfazejos leques! Que hálito perfumado é este? De onde sopra esta brisa, suave como carícia materna? É Val das Palmas que começa a entregar-se, que vem ao meu encontro. Val de Palmas, o país que não se parece a nenhum outro, a terra de onde se avista o Sol primeiro. O estrangeiro, pode o estrangeiro admirá-la; será sempre como pátria de eleição; quanto a mim, tenho raízes mergulhadas naquele solo que me inspiram por ele uma paixão que só eu posso compreender. Vivo neste momento essa vivência secular. Ali, no seio adusto da terra, tenho sepultos os meus mortos, ali repousarei um dia o inquieto coração... Foi ali que me desgarrrei, enveredando ínvios caminhos; foi ali que enfermei da doença de tudo querer tocar com as mãos, estas mãos que nada entendem do ofício de acariciar; foi ali que me marcou o fatal vício de sonhar. Logo me encontrarei entre rostos amigos. Leo, o jovem do farol, sobrinho do guarda-mor, com sua fisionomia selvagem e corpo desengonçado em formação. Oh adolescência, plena de intuições, visionárias, rebeldias! Te compreendo, porque te vivi um dia. Talvez me interrogues: "Em que devo acreditar?" Já agora não te falarei por enigmas. Francamente te direi: "Acredite em você mesmo". Talvez me acuse. Difícil idade, linda idade. Talvez me diga não ter eu vivido perigosamente até o fim. Dir-lhe-ei que parta e vá até aonde eu não fui! Não mais verei o negro Afonso. Que falta há de fazer para as rosas do conde, ele que as desvelava no jardim com tais cuidados, com mãos de amante. Tu humilde, de quem valia cada palavra uma moeda de ouro; tu, obscuro filho da terra, argila, raiz, sabedoria viva. Morreu. E eu que me habituara a julgar eterno o negro Afonso. Ele existia com o Sol, o vento, os pássaros, a chuva, com todas as coisas, com as estações. Quando a primavera chegava, quando ela era os ventos enervantes, fecundando as plantas; o voejar dionisiaco dos insetos e dos pássaros no ar azul; o brilho das pedras umedecidas e iluminadas, ele nascia de novo, via o mundo pela primeira vez. E me presenteou uma vez, laconicamente, com esta linda verdade: "O mundo está cheio de mortos". Estenderei a mão a Pedro, o marujo, aquela criatura que nem todos entendem, que muitos não amam, na sua poderosa e primária alegria de viver, tatuagens pelos braços e ombros, onde se conta a história das mulheres que amou sob todos os céus e da suprema, da impossível, da que jamais quis ser sua. Verei Katia, a filha do russo Estevão, florista do mercado, em cujas faces de maçãs salientes, gestos e voz, contra o fundo matinal das flores do pai, descortino em caleidoscópio, torres bizantinas de catedrais, nevadas estepes desnudas, e o labor do servo entre medas de trigo. Darei uma moeda à louca da várzea, amiga de crianças e animais, ovelha

inofensiva a vagar pelas ruas em busca do filho e do marido, em busca de si mesma....

LÁ APONTAM OS PRIMEIROS TELHADOS. Ali vivem eles, longe do desvario e da vanglória, os meus amigos. Que círculo admirável. Pequenos, sim, mas luminosos. Eu lhes falarei; eles me falarão; e podemos estar certos de que as palavras que nós dissermos não escondem os pensamentos. Sou o mais feliz dos mortais por ter amigos tão belos. Mab, a alegre. Mab a organista da igreja, compositora ela mesma, feliz com a sua arte, ofício de todas as horas... E Maria, em que a paixão tornou aqueles olhos tão grandes, olhos no qual arde ainda e sempre o louco amor. Conheceu um dia alguém . Apaixonada, amou de um amor que este mundo não comporta. O que sofreu no abandono! Ainda encontrou forças para lutar, a louca esperança embalou-a algum tempo. Logo rendeu-se, definhou, anelou a morte, que não a quis. Sobreviveu; mas outra pessoa. Agora é essa meiga criatura de penumbra, que se espanta ao cair de uma folha; Maria, nascida talvez para o claustro, para o silêncio, para o convívio das coisas castas e tranquilas, cuja presença me faz bem, me torna prisioneiro. E o irmão, temperamento arredo no árduo estudo entre livros, em que supus muito tempo – ai, como vivemos separados! Um fruto seco de fim de raça, e que um dia foi para mim revelação surpreendente: “Apenas”, confesso-lhe, “se não fora o recurso da imaginação, não sei como poderia viver”. Alma feita de pudores e delicadezas, afasta-se, abstém-se da luta imediata, mas na sua esquivança não deixa de participar, amoroso de quanto é vivo, e o sentimento trágico do homem. Um realista que não transige, que não faz compromissos com a farsa grosseira nem com a piedosa mentira.

.....

ESTA É A ÚLTIMA VOLTA DO CAMINHO... Já a diligência se aproxima da praça. Conheço, conheço esse tataral de asas: são os pombos do pombal gótico do Castelo, que voavam no céu da minha infância. Lá descem em revoada sobre as árvores do parque. Cai a tarde, docemente, sobre Val das Palmas... Chego. Meus pés pisam o velho solo. Que se passa em mim? Que é isto, que se passa em mim? Que é isto, que se passa em mim? Estremece meu ser a um intenso sentimento doloroso. Sinto que não estava preparado para este encontro. É bela, violentamente bela, esta revelação. E sobem-me aos olhos lágrimas – de alegria, lágrimas de imortal alegria.